

Ações do subprojeto artes - PIBID UERJ

Suproject Arts – PIBID UERJ actions

Isabel Carneiro
Aldo Victorio Filho
Ana Valéria de Figueiredo

Resumo: Elencamos as ações realizadas pelo PIBID - subprojeto Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro do período de março de 2017 a janeiro de 2020. Usamos como método as pistas cartográficas e jogos de temporalidades a fim de despertar meios, abordagens e procedimentos para o ensino das artes nas escolas-campo, além da dinâmica do encontro, do prazer e da formação tão presentes nas atividades artístico-pedagógicas como passeios, viagens e caminhadas. A experiência, em seus diversos aspectos, evidenciou os resultados e significados positivos para a formação docente no trânsito entre a universidade e a escola, movimentação e diálogo atualizadores para ambas as instituições.

Palavras-chave: Cartografia. Jogos. Metodologias.

Abstract: All actions carried out by PIBID have been listed - subproject Arts of the State University of Rio de Janeiro from March 2017 to January 2020. Cartographic clues and temporality games are used as a method to awaken means, approaches and procedures for teaching arts in field school. In addition to the dynamics of the encounter, the pleasure and the training so present in artistic-pedagogical activities such as tours, trips and hikes. The experience, in its various aspects, showed the positive results and meanings for teacher education in the transit between the university and the school, movement and dialogue updated for both institutions.

Keywords: Cartographic. Games. Methodologies.

Introdução

O Laboratório de Ensino da Arte do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, dentre outros projetos, abriga o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - subprojeto Artes com auxílio da CAPES desde 2012. E neste texto, trabalharemos com o recorte de março de 2017 a janeiro de 2020.

Em 2017, na primeira visita à escola-campo fizemos um passeio em suas instalações e conhecemos a quadra que ainda estava em obra. O Colégio Estadual Paulo de Frontin, fazia 100 anos e sofria com a interrupção de uma grande obra de restauração e reparos diversos em seus 5 andares. Passava, portanto, por uma situação muito comum às instituições públicas de ensino do estado do Rio de Janeiro. A obra estava parada por causa das situações de



falência, descaso, falta de planejamento e gestão do governo estadual. No centro do pátio havia muito entulho e o prédio sofria com a falta de conservação apesar das iniciativas positivas da diretoria. Logo, nas primeiras atividades conhecemos os professores de outras disciplinas quando soubemos que a escola faria seu centenário naquele ano. Pensamos, em meio as atividades criadas para a parceria universidade-escola, elaborar um filme que contaria um pouco da história da escola, buscando acontecimentos significativos tanto do passado quanto da sua atualidade.

O filme, elaborado pela professora supervisora Tathiana Treuffar junto com os estudantes, se chamou *C. E. Paulo de Frontin, além do viaduto*, o título foi dado por uma aluna da turma. O vídeo foi feito com imagens fotográficas históricas e cenas contemporâneas. O título “além do viaduto” fazia menção ao viaduto Paulo de Frontin que é uma importante via de acesso entre a Zona Sul e a Zona Norte e que além de homônimo fica próximo à escola. O espaço da escola serviu como espaço de estudo complementar.

C. E. Paulo de Frontin, além do viaduto foi realizado com a participação dos estudantes e bolsistas PIBID e ressalta a questão do espaço da escola e sua história. O curta metragem foi filmado, editado pelos alunos do colégio e supervisoras e pode ser visualizado no *youtube*¹.

Da comemoração dos 100 anos do Colégio Estadual Paulo de Frontin, começamos uma investigação afetiva pelo entorno da escola. A partir dos caminhos que os estudantes faziam da escola para casa, construímos mapas afetivos e derivas em grupos, guiados pelos estudantes do colégio que nos levavam a acontecimentos interessantes em torno do ambiente da escola durante suas caminhadas. As derivas registradas em vídeos estavam em consonância com as práticas pedagógicas da professora de Artes do colégio, que fazia uso da produção cinematográfica como recurso de ensino.

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vteBA9JKQgE>



As rotinas e derivas do PIBID - subprojeto Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Às segundas-feiras à tarde realizávamos “encontros de estudos” e a “programação da semana”, conscientes da importância e da fragilidade dos planejamentos escolares. Estabelecíamos quais oficinas iríamos realizar naquela semana e se teríamos outros eventos conjugados. Nos encontros de estudos elaborávamos propostas de ensino aliando a dimensão prática e teórica as recentes concepções epistêmicas como a teoria da *A/r/t/ografia* (IRWIN, 2013), nas quais a relação imagem, texto, teoria e prática não surgiam de forma hierarquizada, mas, articuladas e com destaques alternados de acordo com o andamento da atividade pedagógica ou investigativa.

Com isso, fazíamos pequenos jogos com palavras, imagens e textos. Destacamos entre esses encontros o estudo sobre cartografias de aprendizado, e o experimento da técnica da monotipia associada aos jogos visuais de composição. Abordamos nos jogos visuais temas relacionados a feminismo, racismo, sexismo, práticas artísticas e pedagógicas.

Figura 1 - Reuniões semanais no Laboratório de Ensino da Arte - UERJ



Fonte: autores, 2017

Nas oficinas de cartografia como método (PASSOS, KASTRUPO e ESCÓSSIA, 2009), consideramos que todo conhecimento se produz em um campo de implicações e determinado num jogo de forças, que o observador está sempre implicado no campo de observação e que qualquer intervenção modifica o objeto. O ato de observar implica em interferir no que é observado na medida em que todo ato de ver é singular e traz para seu acontecimento o histórico de experiência daquele que vê. Em suma, ver é refazer na visão o que é visto.

Conforme o planejamento semanal, elaboramos e realizamos oficinas de temas diversos relacionadas ao currículo do ensino das artes no Ensino Fundamental, concomitantemente com as propostas pedagógicas planejadas pelas supervisoras. As oficinas e atividades tiveram como base os seguintes temas: relações étnico-raciais, questões de gênero e educação inclusiva. Para uma delas, por exemplo, distribuíamos as partes do mesmo livro, como se deu com o *Relações étnico-raciais em sala de aula* de Renata Felinto (2012) e um estudante foi responsável pela apresentação do tema lido para o grupo. Essas atividades foram desenvolvidas ao longo de todo o ano de 2017 no Colégio Estadual Paulo de Frontin, buscando temas atuais e com relação objetiva ao trabalho desenvolvido na escola.

Tivemos reuniões semanais para o planejamento das atividades, debate sobre as experiências nas escolas e estudo de temas ligados ao subprojeto como cartografias e jogos com a visualidade.

Nessas reuniões foram discutidos os problemas identificados pelos licenciandos, as dúvidas e interesses das supervisoras e os meios de enriquecimento das práticas didático-pedagógicas cabíveis nas disciplinas de artes. As ações se deram com encontros semanais ao longo de todo o ano de 2017 e oficinas quinzenais no colégio.

Um dos pontos positivos de maior destaque no ano de 2017 foi o encontro com supervisoras muito atuantes na escola. Kizzy Cesário, recém-egressa do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UERJ, além de acompanhar os bolsistas em todas as atividades, ajudou a equipar a sala de vídeo, que antes era uma sala comum com vidros quebrados, muito barulho e



mal iluminada. A sala virou um lugar especial, um lugar acolhedor de projeção de vídeos e palestras onde aconteceram vários eventos como, por exemplo, a exibição do filme *Luz, Câmera, pichação* – e bate papo com o diretor Gustavo Coelho também professor da Faculdade de Educação da UERJ. No debate Gustavo falava de pichação, dos mitos, dos preconceitos e das formas de transmissão de conhecimento que estão imbuídas na pichação, sem falar no caráter subversivo às determinações excludentes do espaço urbano no qual impera determinado tipo de visualidade em detrimento de tantas outras.

Nesse período de 2017 e 2018, um dos momentos mais memoráveis para o grupo de pibidianos foi uma imersão de três dias no Sana, região preservada de vegetação e cachoeiras na Serra Macaense, município de Macaé, onde foi possível vivenciar experiências de organização coletiva, contato com a natureza e integração do grupo. Na ocasião, o grupo participou de uma oficina de sensibilização corporal e uma deriva para a produção de uma paisagem sonora.

Para desenvolver as potencialidades no processo de construção didático/pedagógica do professor de Artes Visuais, o grupo teve a possibilidade de executar o trabalho cercado pela mata e cachoeiras. A ideia era que, por meio de proposições artísticas, os bolsistas pudessem entrar em um regime de imersão no espaço, assimilando a experiência daquele específico processo criativo de modo a transpô-la à prática docente.

No ano de 2017 também algumas pesquisas de temas diversos e relacionados ao subprojeto foram apresentadas no Simpósio de Artes, Urbanidades e Sustentabilidade na Universidade Federal de São João Del Rey. Alguns desses trabalhos foram *Abayomi - experimentando a diversidade no cotidiano escolar*; *O Simbolismo Adinkra como Instrumento para a disseminação da cultura africana por meio da ação artística e sustentável*; *A construção de um diálogo através da pichação no espaço escola*. A viagem a São João Del Rey, feita em um micro-ônibus da universidade foi muito marcante, não apenas pelo alegre estar juntos na aventura de uma viagem, mas também pelo valor da experiência estética de estar em uma cidade histórica importante para o barroco mineiro. Nesta oportunidade visitamos



algumas igrejas históricas e observamos o que resta do casario antigo da cidade.

Nestes dois anos de intensas atividades, tivemos a realização de encontros intitulados *Conversas Pibidianas* sobre vários temas com educadores e artistas convidados.

As *Conversas Pibidianas* aconteciam no ambiente escolar do Colégio Estadual Paulo de Frontin e no auditório do Instituto de Artes e enfocavam as diversas conceitualizações sobre a sala de aula, a concepção de ser professor, o que aquele lugar possibilitava de afetividade ou não. Os assuntos pautados pelos convidados eram inerentes à escola e trazíamos questões tais como: Quais seriam as possibilidades de uma transformação na educação escolar? Quais as possibilidades existentes para estudantes e professores existentes no contexto da escola?

Aconteceram três encontros das conversas: O primeiro encontro das *Conversas Pibidianas* contou com o professor e pesquisador Aristóteles Berino, do Instituto Multidisciplinar da UFRRJ que falou sobre a Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire. Apresentou os principais aspectos da obra freiriana e deu exemplos pertinentes sobre o ponto de vista cultural da Pedagogia da Autonomia.

A segunda edição das *Conversas Pibidianas* foi com Victor Junger e Ana Paula Venâncio sobre cartografias e filosofia UBUNTU no auditório do Instituto de Artes. Na época, ainda doutorando no Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ, Victor Junger compartilhou suas experiências artístico/pedagógicas na apreensão das cartografias. E Ana Paula Venâncio, tratou da sua experiência de sala de aula e a filosofia africana para o ensino de artes.

O terceiro encontro das *Conversas Pibidianas* aconteceu com Pâmela Souza e Rodrigo Nascimento sobre “a escola dentro da escola”, que foi realizada no pátio da escola e foi uma ação incomum para os estudantes e professores da instituição.



Figura 2 - Conversas Pibidianas com Ana Paula Venâncio no auditório do Instituto de Artes da UERJ



Fonte: autores, 2017

Ao final de 2017, tivemos a Semana de Culminância no C. E. Paulo de Frontin, proposta da instituição na qual toda a equipe pedagógica se mobilizou para a execução de atividades extracurriculares, tais como saraus, debates, exposições, oficinas e demais atividades, atendendo à demanda dos alunos. Naquele evento, o PIBID propôs desenvolver três atividades: a montagem da exposição com os trabalhos de Artes desenvolvidos pelos alunos no ano letivo, a realização de oficina de pintura para os estudantes e a oficina de cordel e xilogravura, ministrada por Tertuliana Lustosa, jovem artista visual, historiadora da Arte, compositora e intérprete de Funk e cordelista transexual.

Figura 3 - Exposição final dos trabalhos realizados pelos estudantes da C.E Paulo de Frontin, 2017



Fonte: autores, 2017

Ao longo de 2017 foram realizadas na escola algumas sessões de cineclube com debates após as projeções. A escolha dos filmes coube aos alunos da escola e aos pibidanos. A atividade se deu por reconhecermos o cineclube como um espaço privilegiado de formação visto que as práticas artísticas sempre se mostram elos entre saberes e sentimentos.

Foram realizadas quatro sessões do cineclube com bate-papo com diretores e artistas convidados. Ao final de cada sessão se dava o debate entre os convidados e o público, incluindo estudantes, professores, pibidianos e servidores do colégio.

As ações realizadas no cine clube se deram a partir das projeções dos filmes *Luz, Câmera, pichação*, seguido do bate-papo com o diretor Gustavo Coelho; *Lute como uma Menina*, bate-papo com a Prof^a Denise Espírito Santo; *Deixa na Régua*, bate-papo com o Diretor, Mestre e Professor de Artes Visuais Magno Coube; *Eu não quero voltar sozinho*, bate-papo com Suzi e Emanuele Lisbôa; e *Sou feia mas tô na moda*. Todos os filmes tiveram a supervisão da bolsista Priscila Duarte, Mestre e Professora de Artes Visuais pesquisadora e promotora de cineclubes.

A experiência do cineclube continuou em 2018 também com ações nas novas escolas parceiras. Levamos para o Instituto de Educação Rangel Pestana em Nova Iguaçu, a exibição e conversa sobre o filme *Poder* com a participação da Diretora Sabrina Rosa e da Atriz Cintia Rosa, que tratam do tema do empoderamento da mulher negra. Tivemos também em 2019, a exibição e debate do filme *Escolas em luta*, de uma produtora independente e sugerido por uma das pibidianas.

Nosso primeiro encontro com a nova turma de pibidianos em agosto de 2018 foi no Museu do Açude na Floresta da Tijuca onde visitamos as instalações nos jardins do museu como as obras ambientais de Hélio Oiticica e Lygia Pape. Naquele momento foi importante reunir o grupo e saber das expectativas do projeto nos próximos anos. Acabávamos de atravessar pela tortuosa instabilidade da manutenção do PIBID. No museu percorremos a obra *Passarela* de Eduardo Coimbra entre os galhos mais altos de algumas árvores entre outros contatos com a luxuriante natureza local. Fizemos ao final da visita um piquenique recheado por comidas e intenso bate-papo com o grupo.

Figura 4 - Primeiro encontro Museu do Açude- Rio de Janeiro, agosto de 2018



Fonte: autores, 2018

Nos anos de 2018 e 2019, participamos de congressos como o *VIII Encontro Nacional das Licenciaturas na Universidade do Estado do Ceará* em Fortaleza-CE, onde apresentamos alguns dos trabalhos desenvolvidos até então: *Memória Visual e o aprendizado nas artes cênicas e visuais*; *Imagem e representação no ensino de arte nas escolas: uma proposta de reflexão e crítica na oficina de selfies*; *O que, e como as crianças desenham?*; *O invisível*:

poéticas do picho nos espaços escolares e Uma proposta de currículo feminista para o ensino básico.

Apoiados pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, fomos de ônibus até Fortaleza-CE. Outra experiência marcante para os pibidianos, a viagem, as trocas e o próprio encontro de licenciaturas de diversas áreas.

Figura 5 - VIII - Encontro Nacional das Licenciaturas. Fortaleza- CE, 2018



Fonte: autores, 2018

Entre outros eventos, apresentamos alguns dos resultados do subprojeto Artes Visuais no Seminário Estadual PIBID UNIRIO onde partilhamos as ações do Pibid naquele ano. Participamos também do Seminário Internacional *As Redes educativas e Tecnologias* na UERJ em 2019 com apresentação de trabalhos.

No final de 2019, fizemos o Seminário PIBID UERJ onde os pibianos tomaram a frente da organização e da condução do seminário, apresentando

trabalhos, relatos, experiências e materiais didáticos desenvolvidos, dentre várias realizações podemos citar o desenvolvimento da identidade visual do seminário criado por uma das bolsistas.

Figura 6 - Cartaz de divulgação do I Seminário PIBID UERJ

Seminário UERJ PIBID
DIAS 7 E 8 DE NOVEMBRO
AUDITÓRIO 91

PROGRAMAÇÃO

5ª FEIRA, 7/11/2019

9:00-9:30: ABERTURA
PROFA. TANIA CARVALHO NETTO. SUB REITORA DE GRADUAÇÃO, SR-1. EQUIPE DO PIBID UERJ EDITAL 2018.

9:30-12:30: RELATOS DOS SUBPROJETOS
ARTES, BIOLOGIA PRESENCIAL, MARACANÃ E FFP, FÍSICA, LÍNGUA ESPANHOLA, LÍNGUA INGLESA, PEDAGOGIA.
MEDIADORA: PROFA. MARIA CRISTINA FERREIRA DOS SANTOS (BIOLOGIA/FFP).

13:30-14:30: MOSTRA DE MATERIAL DIDÁTICO DOS SUBPROJETOS
ARTES, BIOLOGIA PRESENCIAL FFP, FÍSICA, GEOGRAFIA, LÍNGUA INGLESA, LÍNGUA PORTUGUESA (EM FRENTE AOS BANCOS AMARELOS).

14:30-17:00: RODAS DE CONVERSA

14:30-15:40: AMBIENTE E SAÚDE
PARTICIPAÇÃO DOS SUBPROJETOS BIOLOGIA PRESENCIAL FFP, FÍSICA, PEDAGOGIA.
MEDIADOR: PROF. CARLOS SOARES BARBOSA (PEDAGOGIA MARACANÃ).

15:45-17:00: CIÊNCIA E TECNOLOGIA APLICADAS AO ENSINO
PARTICIPAÇÃO DOS SUBPROJETOS ARTES, FÍSICA, GEOGRAFIA.
MEDIADOR: PROF. ALAN FREITAS MACHADO (FÍSICA MARACANÃ).

6ª FEIRA, 8/11/2019

9:00-12:00: RELATOS DOS SUBPROJETOS
BIOLOGIA EAD, GEOGRAFIA, HISTÓRIA, LÍNGUA PORTUGUESA (2 NÚCLEOS), SOCIOLOGIA.
MEDIADORA: PROFA. MARIA BETÂNIA ALMEIDA PEREIRA (LÍNGUA PORTUGUESA FFP).

13:00-14:00: MOSTRA DE MATERIAL DIDÁTICO DOS SUBPROJETOS
ARTES, BIOLOGIA EAD, BIOLOGIA PRESENCIAL FFP, FÍSICA, GEOGRAFIA, HISTÓRIA, LÍNGUA ESPANHOLA, LÍNGUA PORTUGUESA, PEDAGOGIA, SOCIOLOGIA (EM FRENTE AOS BANCOS AMARELOS).

14:00-16:30: RODAS DE CONVERSA

14:00-15:15: RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS
PARTICIPAÇÃO DOS SUBPROJETOS ARTES, GEOGRAFIA, HISTÓRIA, LÍNGUA ESPANHOLA, SOCIOLOGIA.
MEDIADOR: PROF. GABRIEL SIQUEIRA CORRÊA (GEOGRAFIA FFP).

15:15-16:30: GÊNERO
PARTICIPAÇÃO DOS SUBPROJETOS ARTES, HISTÓRIA, LÍNGUA ESPANHOLA, SOCIOLOGIA.
MEDIADORA: PROFA. RAQUEL BALMANT EMERIOUE (SOCIOLOGIA MARACANÃ).

16:30-17:00: ENCERRAMENTO

REALIZAÇÃO:

Fonte: autores, 2019

Ao final de 2019 o grupo de bolsistas do Pibid e de outros projetos ligados ao Laboratório de Ensino da Arte foi contemplado com a palestra *Quadrinhos como recurso pedagógico*, resultado de uma pesquisa de doutorado apresentado por sua autora, a Prof^a Cristiana Fernandes, versando sobre a estética dos quadrinhos seguida de uma pequena oficina de criação na técnica dos quadrinhos.



Figura 7 - Oficina sobre técnicas de quadrinhos como recurso pedagógico, 2019



Fonte: autores, 2019

A formação do licenciando em Artes Visuais pode, idealmente, implicar em muitas ações coordenadas entre as salas de aula e oficinas da universidade e espaços culturais diversos. Nessa perspectiva, o grupo visitou algumas exposições, realizou viagens, passeios e trabalho de campo. Como podemos exemplificar com as visitas a duas exposições individuais em Niterói no Museu de Arte Contemporânea.

Em Niterói, visitamos as exposições dos artistas visuais Alexandre Sá e Nathan Braga. A exposição do artista Alexandre Sá trazia questões sobre a clínica psicanalista e suas formas de registro. Na ocasião, tivemos a oportunidade de desfrutar de um inspirador bate-papo com o artista.

A exposição de Nathan Braga vasculhava o passado intangível do artista e mais uma vez tivemos a oportunidade de contato direto com o artista que conduziu a visita a sua exposição na Galeria de Arte da Universidade Federal Fluminense. A ida à cidade de Niterói permitiu a muitos dos estudantes conhecer pessoalmente o Museu de Arte Contemporânea-MAC.

Figura 8 - Visita ao Museu de Arte Contemporânea Niterói- RJ



Fonte: autores, 2019

Dentre as experiências fora da universidade, destacamos a visita técnica ao Instituto Benjamin Constant, no bairro da Urca. Fomos guiados por uma professora e ex-aluna do Instituto Benjamin Constant, D. Glorinha, cega desde a infância. Ela nos contou a história do Instituto e nos fez conhecer o edifício e suas muitas salas especialmente adaptadas, como uma sala de maquetes com plantas cartográficas enormes e tridimensionais que representavam a diversidade geográfica do território brasileiro.

A convite de uma das arte-educadoras do Centro Cultural Banco do Brasil fizemos uma visita guiada pela exposição de Athos Bulcão no dia 09 de janeiro de 2019. Fomos levados até a sala do educativo onde realizamos pequenos trabalhos artísticos relacionados à exposição.

Ao final do ano letivo, em dezembro, fizemos uma visita à Escola de Artes Visuais do Parque Lage na exposição *Tom Burr Hélio – Centricidades: CODA* com os alunos do Colégio Estadual Paulo de Frontin. Lá participamos da ação do educativo do Parque Lage. Foi um momento de confraternização

muito prazeroso. Levamos lanche para as turmas e nos reunimos debaixo de uma tapera indígena nos jardins da Escola de Artes Visuais.

Oficinas e workshops

Em 2018-2019 realizamos várias oficinas nas escolas parceiras. Relataremos algumas delas. No Instituto de Educação Rangel Pestana² na cidade de Nova Iguaçu, oferecemos a *Oficina de Colagens Feministas*, ministrada a um pequeno grupo de discentes mulheres que, interessadas no tema, colaboraram para a construção de uma roda de trocas de experiências individuais e coletivas enquanto a proposta do encontro se desenvolvia.

Estudantes do Curso Normal, em sua maioria do sexo feminino, se preparando para em breve se tornarem professoras do primeiro segmento do Ensino Fundamental e pensando o vigente cenário político-social, no qual o feminismo vem conquistando novos corpos e novas vozes... Consideramos a urgência da escola e do educador se atualizarem frente às diversas mudanças que ocorrem na sociedade, para então cumprirem suas participações profissionais na sua formação e dos futuros cidadãos.

O trabalho teve por intuito iniciar um processo que pudesse trazer à consciência das normalistas a importância do feminismo na elaboração e práticas curriculares em consonância com a atualidade e com a urgência do alicerçamento da justiça social. Consciência a ser coletivizada nas suas futuras turmas da Educação Básica.

Ainda no Instituto de Educação Rangel Pestana, realizamos a *Oficina Corpo e Desenho* cujo objetivo era despertar a atenção para o conhecimento do corpo coletivo via a afirmação da diversidade dos corpos individuais, a partir da exploração de seus movimentos. Tivemos também a *Oficina de Autoconhecimento - Introdução ao Yoga e a Meditação* cujo objetivo foi apresentar a prática de yoga para os adolescentes em sala de aula, proporcionando alguns minutos de vivência para estimular o interesse e o desenvolvimento da consciência corporal.

² O Instituto de Educação Rangel Pestana compõe a rede pública estadual do Rio de Janeiro e oferece o Ensino Médio nas modalidades Formação Geral e Curso Normal.

Na *Oficina Encadernação* realizada em novembro de 2018, investigamos o caderno de artista como prática pedagógica. Foram criados cadernos desde a seleção do papel, recorte das folhas e costura. Após esse processo, os cadernos foram preenchidos com desenhos, poemas e textos, sempre partindo das experiências dos alunos.

Oficinas e *workshops* na Escola Municipal Azevedo Sodré

Uma das escolas parceiras foi a Escola Municipal Azevedo Sodré da rede pública municipal do Rio de Janeiro que oferece ensino das Séries Iniciais do Ensino Fundamental, 1° ao 5° ano fundamental e 6° ano experimental. Os estudantes têm entre 7 a 11 anos de idade, com alguns repetentes acima dessa faixa etária. São estudantes oriundos de grupos sociais economicamente desfavorecidos e moradores de comunidades próximas à escola. A escola está localizada no bairro do Rio Comprido na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro próxima das comunidades onde moram seus alunos.

Por se tratar de um grupo com educação do Ensino Fundamental I e ter uma de suas professoras especialista em teatro, priorizamos propostas que tivessem o corpo e o movimento como ponto de partida (força motriz). Como foi feito na *Oficina de Máscaras Teatrais* quando trabalhamos alongamentos corporais, improviso e representação de emoções diferentes. Confeccionamos máscaras de carnaval para o bailinho da escola, evento do calendário escolar nos dias que antecedem os feriados de carnaval a pedido da direção da escola.

Aproveitamos o *Dia da Conscientização do Autismo* para a realização de uma oficina de confecção de cata-ventos. A oficina teve como objetivo compreender o funcionamento da produção de um cata-vento e suas particularidades através de materiais de papelaria, para exemplificar de forma lúdica alguns fenômenos naturais. Além de promover o desenvolvimento criativo foi, como nas demais oficinas, explorada a sensibilidade das crianças, privilegiando as que apresentam o espectro autista. Desse modo, buscou-se contribuir com o reconhecimento do perfil sensorial das crianças.

Outra oficina aplicada na E.M Azevedo Sodré foi a *Oficina de Gravura*, uma atividade realizada com objetos do cotidiano visando ensinar e apresentar



aos alunos do Ensino Fundamental I princípios da gravura, mais especificamente a monotipia que além de um método de impressão de imagens é uma variação mais espontânea do Desenho. As experimentações foram feitas com objetos encontrados no cotidiano das crianças tais como tampinha de garrafa, grampos etc. Ao utilizar materiais já conhecidos, mas com funções diversas do uso escolar (existentes), buscou-se possibilitar a livre criação a respeito desses objetos na produção poética, ou seja, suas ressignificações para fins artísticos.

Outra atividade desenvolvida na escola E. M. Azevedo Sodré foi a criação de uma horta em um dos canteiros do seu jardim. A ideia surgiu no diálogo com a Direção e Coordenação cujo planejamento para o ano de 2019 tinha como referência a ecologia e a sustentabilidade. Então, aproveitamos o canteiro pouco utilizado. Aliando o interesse da escola e às possibilidades do grupo de bolsistas, buscamos transformar o local em um espaço fecundo para o desenvolvimento de ações pedagógicas.

A proposta mais adequada foi construir com as crianças uma horta, de modo a sintonizar a atividade com os conteúdos trabalhados nas aulas. Outro aspecto que pareceu interessante foi a ativação de mais um canal de troca de saberes e vivências entre os estudantes, os licenciandos e a comunidade escolar. Os trabalhos da horta começaram respeitando os dias e horários mais oportunos. Sem a intenção de reproduzir mecanismos tradicionais utilizados em salas de aula para o devido manejo da turma, como a solicitação de um comportamento comum a todos sob a justificativa de promover um melhor andamento das atividades curriculares, os procedimentos foram se adequando na medida em que os envolvidos compreendiam as finalidades do trabalho e se entusiasmavam com a proposta.

Assim, as crianças foram estimuladas a participar da criação da horta e de sua rotina, por vezes repetitiva, da forma mais espontânea possível, sem perder a direção do encontro. Esse aspecto culminou na percepção de que o planejamento de cada encontro precisava de mais um ou dois outros dias para que pudesse ser finalizado, já que a escuta de suas falas e atenção aos seus



corpos, ânimo e disposição eram tão importantes quanto materializar a horta.

As informações, dúvidas e expectativas que as crianças traziam movimentavam o diálogo e a interação com o espaço. As características da atividade implicavam em certa imprevisibilidade e espontaneidade. A liberdade dada às crianças para ocupar o espaço, lidar com material orgânico e a necessidade de um tempo sem chuva para os encontros, deram ritmo próprio à atividade.

Mais uma oficina no campo específico das artes foi proposta na escola junto à professora supervisora. O grupo dos licenciandos organizou uma atividade que ensinava o princípio da gravura utilizando, inicialmente, folhas de árvore como matriz para realizar a impressão. O objetivo da oficina foi demonstrar para os alunos do Ensino Fundamental os princípios técnicos da impressão, apontando que podem ser utilizados diversos materiais como matrizes, o que significou a ampliação da noção de desenho e criação plástica. Os materiais utilizados foram papel, tintas à base de água, nanquim, pincéis e purpurina, disponibilizados pelo do Laboratório do Ensino de Artes da UERJ.

Oficinas e *workshops* no Colégio Estadual Paulo de Frontin

Priorizamos no C.E. Paulo de Frontin oficinas que tivessem relação com o audiovisual, por ser a área de especialização da supervisora da escola. Na *Oficina de Stop motion* explicamos essa técnica específica e, por meio de um aplicativo para esse fim, os alunos criaram seus próprios vídeos.

Stop motion é uma técnica de animação que recria o movimento através de uma série de fotografias colocadas em sequência. Por definição, o cinema é realizado da mesma maneira, entretanto, no *stop motion*, cada frame - ou quadro, como são chamadas as fotografias no meio do audiovisual -, que vai compor a cena, é capturado após uma sutil alteração de posição do objeto a ser animado.

Quando a sequência dos *frames* é reproduzida rapidamente ela simula o movimento do objeto. Para obter um bom resultado é recomendado utilizar de 12 a 15 quadros para cada segundo de animação. Os vídeos são relativamente



simples de ser produzidos e atualmente é possível encontrar aplicativos de celular e *tablet* que auxiliam nessa produção.

Para o C. E. Paulo de Frontin os bolsistas levaram *tablets* do subprojeto de Artes, além de alguns objetos, acessórios e materiais de desenho para realizarem uma oficina de *stop motion* com os alunos do Ensino de Jovens e Adultos. Em um primeiro momento os bolsistas explicaram no que consistia a técnica, depois dividiram a turma em 3 grupos, apresentaram o aplicativo e ensinaram os recursos do programa. Nos grupos, os alunos se dividiram nas tarefas – atuação, desenho, cenário ou operação do aplicativo - e cada grupo realizou seu pequeno filme. Posteriormente esses vídeos foram exibidos para todos da turma.

Oficina Light Painting

Light painting (pintura com a luz) é uma técnica de fotografia que faz o registro da trajetória de focos de luz. Com ela é possível capturar desenhos, objetos pintados ou palavras e frases feitas no espaço utilizando apenas uma simples lanterna, a iluminação da tela de um celular ou ainda uma vela acesa.

Para congelar todo o movimento do foco de luz em uma única fotografia, a técnica trabalha, principalmente, com o recurso da velocidade do obturador da câmera – que define o tempo de exposição do sensor do aparelho à luz. Para fazer uma fotografia na qual o instante é totalmente congelado, a velocidade do obturador precisa ser muito rápida, apenas o suficiente para iluminar o objeto que se deseja retratar. Já no *light painting*, como a intenção é capturar justamente um movimento, o foco de luz precisa percorrer o espaço enquanto o obturador permanece aberto até que o objetivo da fotografia seja concluído. É o rastro da luz que formará a imagem ou palavra desejada.

Para realizar a oficina, os bolsistas levaram uma câmera digital, um tripé, lanternas coloridas e um tecido preto a ser usado para escurecer a sala de aula para dar melhor resultado às fotografias, material viabilizado graças aos recursos do subprojeto de Artes. Em um primeiro momento os bolsistas explicaram no que consistia a técnica, depois convidaram os alunos a se revezarem entre a operação do equipamento e a produção dos desenhos com



luz no espaço. Inicialmente as fotografias foram basicamente de palavras ou traços simples, mas logo os estudantes compreenderam o funcionamento da técnica e se organizaram em grupos para elaborar fotografias mais complexas com diferentes tipos de desenhos e cores, que apenas poderiam ser realizadas com a ajuda de seus colegas. Posteriormente, as fotografias foram transferidas para um computador e compartilhadas com os alunos da turma.

Figura 9 - Oficina Light-painting CE Paulo de Frontin, 2019



Fonte: autores, 2019

Considerações finais

Os impactos observados do PIBID se estendem em três dimensões articuladas e inseparáveis, a escola, os licenciandos e as professoras. Em relação às escolas que acolheram o subprojeto de Artes Visuais, destacamos a presença da universidade sob o entusiasmo dos licenciandos, as atividades oferecidas com o conforto e exequibilidade por conta de recursos materiais e humanos envolvidos e propostas positivas em relação aos trabalhos rotineiros da escola.

Esses aspectos geraram efeitos muito produtivos, sobretudo para as crianças e jovens estudantes das escolas. Outro aspecto que favoreceu ao rápido entrosamento foi a presteza dos licenciandos quando solicitados nas diversas ações que enredam o cotidiano da escola.

Em relação às Professoras Supervisoras o impacto foi igualmente positivo, na medida em que o PIBID oportuniza a interlocução entre as professoras das escolas, os licenciandos, as coordenadoras e demais participantes das comunidades escolares na frequência necessária para se tratar atentamente de problemas, propostas e experiências que constituem a cotidianidade escolar. A oportunidade que as professoras têm de serem ouvidas e participar de atividades de formação continuada (estudo de textos, palestra na própria escola com convidados sobre temas diversos relacionados ao campo curricular do subprojeto, a participação em eventos acadêmicos e culturais, etc.) representam o mais positivo efeito do trabalho.

Quanto aos licenciandos, a sua maioria já atuava há algum tempo no subprojeto, assim, os efeitos da rede de experiências individuais e coletivas foram se consolidando gradativamente. No início da implementação do subprojeto, o impacto causado pela experiência no universo escolar como futuros docentes foi, sob certa ótica, evidente, contudo, reduzia-se à sobreposição de sensações como estranhamento, estímulo, medo e demais sentimentos que afetam a quase todos diante do desafio do inédito, mas logo dá lugar ao estímulo, criatividade e envolvimento com os espaços escolares.

Assim, ao longo do tempo, as sensações iniciais foram se transformando em franco envolvimento manifestado nas problematizações, dúvidas e questionamentos em relação ao que vivenciavam. Percebemos, portanto, o aprofundamento dos efeitos da experiência, sobretudo, quando os bolsistas passaram a manifestar espontaneamente a incorporação em suas rotinas e compromissos os aprendizados conquistados nas atividades do programa, seja na escola, na universidade ou em eventos relacionados.

Percebeu-se assim como o PIBID participava de suas formações e compromissos acadêmicos. É possível afirmar, também, que o que mais caracteriza o impacto do programa na formação dos estudantes envolvidos,



bolsista e voluntários, é o desenvolvimento da intimidade com a Educação Básica em seus cotidianos, intimidade nos mais produtivos sentidos, como o exercício crítico inseparável da solidariedade, a observação atenta e comprometida e, sobretudo, a experimentação criativa de modos de ser e estar nas escolas entendendo-os como elementos estruturantes de suas formações em curso.

Durante esses anos, mesmo com todas as incertezas a respeito da continuidade do PIBID tivemos uma trajetória exitosa. Contamos com o apoio do Laboratório de Ensino da Arte do Instituto de Artes que incorporou o subprojeto Artes Visuais como uma das suas principais ações.

A despeito das dificuldades e intercorrências comuns a todo trabalho com as dimensões e interfaces do subprojeto, foi gratificante observar o crescimento acadêmico dos licenciandos e seu rápido e produtivo envolvimento com o programa. Envolvimento refletido nos materiais produzidos, nas atividades realizadas, nos estudos, leituras, encontros e intensos debates sobre as experiências acumuladas. Aspectos que caracterizam a robustez da formação viabilizada pelo PIBID, sem o qual dificilmente aconteceria no fluxo, frequência e intensidade vivenciados.

As perspectivas que elencamos não refletiriam, portanto, apenas o interesse e avaliação da coordenação, antes, refletem o sentimento do coletivo do subprojeto, cujo avanço do processo de formação docente foi alicerçado pelas experiências específicas do subprojeto, sobretudo em relação ao ensino médio, experiência inédita no subprojeto.

Percebemos alguns novos e importantes aspectos a respeito da atualidade da vida escolar, sobretudo com relação à participação do campo de saberes das Artes nas redes curriculares. Redimensionamos assim as seguras relações entre as Artes e a *formação humana*, entendida como a utopia íntima da educação escolar obrigatória.

O coletivo do subprojeto Artes Visuais pôde perceber com mais nitidez e profundidade o jogo das relações estéticas com questões fulcrais da formação cidadã no que cabe à escola. Relações que só podem ser eficientemente



trabalhadas pelo profissional com formação específica e espaço curricular reconhecido e respeitado.

Partindo dessas premissas, o coletivo deste subprojeto espera continuar os investimentos na formação docente em Artes em parceria produtiva com as escolas, equipamentos culturais da cidade e a universidade.

Agradecimentos

Agradecemos à CAPES pelo apoio financeiro ao projeto.

Referências

FELINTO, Renata. **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula**. Belo Horizonte: Fino traço, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação**. Os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.

IRWIN, Rita. **A/r/tografia**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da deriva**. Rio de Janeiro: Casa de Palavra, 2004.

LARROSA, Jorge. **Tremores**. Escritos sobre a experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.



Sobre os autores

Isabel Carneiro

bebelcarneirogm@gmail.com

É artista visual e professora adjunta do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro no departamento de ensino da arte e cultura popular. Professora do Programa de pós-graduação em Artes da UERJ. Coordenadora do subprojeto Artes PIBID UERJ de 2017 a 2020. Doutora pelo PPGAV/EBA/UFRJ na linha de Linguagens Visuais. Realizou parte de sua pesquisa de tese na Paris 1-Sorbonne de setembro de 2013 a agosto de 2014 com o auxílio da bolsa sanduíche da CAPES onde expandiu a noção entre visualidades e sonoridades através da forma-partitura. Atuou como educadora em artes na Escola Municipal Leopoldina Machado de Barros no município de Nova Iguaçu entre os anos de 2009 a 2012.

Aldo Victorio Filho

avictorio@gmail.com

Ex professor de Artes Visuais das redes de Educação do estado e do município do Rio de Janeiro. Graduado em Gravura pela Escola de Belas Artes UFRJ e Licenciado em Educação Artística. Mestre e Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Professor visitante da Facultad de Belles Arts da Universitat de Barcelona 2017/2018. Professor Associado. Coordenador do curso de Licenciatura em Artes Visuais. Docente do Programa de pós-graduação em Artes - PPGARTES e do Programa de pós-graduação em Educação - PROPED, ambos da UERJ. Líder do Grupo de Pesquisa Estudos Culturais em Educação e Arte UERJ/UFRRJ. Coordenador da Unidade de Desenvolvimento Tecnológico: Laboratório de Ensino da Arte (Instituto de Artes da UERJ) e do Projeto Saúde e Arte (Unidade de Psiquiatria do Hospital Universitário Pedro Ernesto- UERJ). Pesquisador do Grupo de Pesquisa Cotidiano Escolar e Currículo - UERJ e do Grupo de Pesquisa Cultura Visual e Educação - UFG. Cientista do Nosso Estado FAPERJ e Procientista UERJ.

Ana Valéria de Figueiredo

anavaléria_figueiredo@yahoo.com.br

Professora Docente do Programa de pós-graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora Adjunta da UERJ no Instituto de Artes. Professora Adjunta da Universidade Estácio de Sá (UNESA) na graduação e na pós-graduação lato sensu. Líder de Pesquisa dos Grupos: PAVIS Pesquisa em Arte e Visualidades (UERJ); GEPA Estratégias Pedagógicas de Aprendizagem (UNESA). Atuou na Educação Básica como Professora de Artes na rede pública estadual do Rio de Janeiro e municipal de Nova Iguaçu. Licenciada em Educação Artística pela UFRJ. Mestre e Doutora em Educação pela PUC-Rio.

